
CONFLITOS DE BENTINHO: UM ESTUDO SOBRE “DOM CASMURRO” A PARTIR DE CONCEITOS PIAGETIANOS

Rosana Lopes Romero¹
Geiva Carolina Calsa²

Resumo

A obra machadiana *Dom Casmurro* publicada em 1900, é considerada clássico da literatura brasileira, tanto pelo enredo ambíguo de adultério/fidelidade, ódio/amor, emoção/razão, quanto pela linguagem próxima ao leitor. Entremeio ao romantismo e realismo, as características internas e externas das personagens são reveladas gradualmente no decorrer de toda a história de maneira a evidenciar, principalmente na visão de Bento de Albuquerque Santiago, protagonista e narrador, sentimentos e conflitos que envolvem pecados, paixões, medos e dúvidas. Bento é um homem de cinquenta e quatro anos com “hábitos calados e reclusos”, que rememora sua história de amor e ciúmes com Capitulina Pádua, conhecida como Capitu. Bento passa por inúmeros conflitos durante o enredo cujos principais podem ser considerados dois: a promessa de sua mãe de torná-lo padre, possível impedimento para que ele pudesse viver um romance com Capitu, sua amada e; posteriormente, a suspeita da traição de sua esposa com Escobar, amigo próximo que conheceu no seminário. Ao pensarmos por esse caminho questionamo-nos, como Bentinho resolve os conflitos que surgem no decorrer de sua história do ponto de vista cognitivo? Que recursos cognitivos a personagem utiliza para dar conta das perturbações que surgem de suas relações com o meio? Com intuito de responder a essas perguntas objetivamos analisar o processo de resolução de problemas apresentado por Bentinho a partir da teoria piagetiana da equilíbrio. Para a análise focalizamos os conceitos de perturbação e criação de possíveis e necessários. Os resultados mostram que Bento opta por caminhos cognitivos peculiares que o conduzem à superações frente as perturbações vivenciadas ao longo de sua história, entretanto, o possível adultério de Capitu, o grande conflito da vida de Bentinho, o mantém em constante desequilíbrio cognitivo em busca de possíveis que o permitam compreender o que de fato aconteceu em sua história de amor e/ou traição. Concluímos que Bentinho supera o primeiro conflito, saindo do seminário e casando-se com Capitu. Entretanto fecha seus possíveis em um pseudonecessário no segundo conflito e acaba por não superá-lo. Com base em tais caminhos do protagonista percebemos a importância

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: rosana_lopes_romero@hotmail.com

² Professora do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: gccalsa@hotmail.com

do incentivo à abertura de possíveis e valorização do erro no processo educativo, para que as crianças aprendam a ampliar seu repertório tanto na resolução dos conflitos escolares quanto em suas vidas para não prolongarem sofrimentos, como faz Bentinho.

Palavras chave: Educação. Teoria piagetiana. Literatura.

CONFLICTS OF BENTINHO: A STUDY ON "DOM CASMURRO" FROM PIAGETIAN CONCEPTS

Abstract

Abstract: The literature work *Dom Casmurro* of Machado de Assis published in 1900, is considered classic of Brazilian literature, both by the ambiguous plot of adultery/fidelity, hate/love, emotion/reason, as well as language close to the reader. Between romanticism and realism, the internal and external characteristics of the characters are revealed gradually throughout the whole story in order to show, mainly in the vision of Bento de Albuquerque Santiago, protagonist and narrator, feelings and conflicts that involve sins, passions, fears and doubts. Bento is a man of fifty-four years with "quiet and reclusive habits", who recalls his history of love and jealousy with Capitolina Pádua, known as Capitu. Bento goes through numerous conflicts during the plot which may be considered three main: the promise of his mother to make him priest, possible impediment for him to live a romance with Capitu, his beloved; The desire to have a child who was slow to conceive after his marriage to Capitu and, posteriorly, the suspicion of betrayal of his wife with Escobar, close friend he met at the seminary. Thinking along this path we ask ourselves Bentinho solves the conflicts that arise in the course of its history from the cognitive point of view? What cognitive resources does the character use to deal with the disturbances that arise from their relations with the social environment? In order to answer these questions analyze the problem solving process presented by Bentinho from the Piaget's theory of equilibration. For the analysis we focus on the concepts of perturbation and creation of possible and necessary. The results show that Bento opts for peculiar cognitive paths that lead to overcoming the disturbances experienced throughout its history, however, the possible adultery of Capitu, the great conflict of the life of Bentinho, keeps it in constant cognitive imbalance in search of possible that allow you to understand what actually happened in his love story and/or history of betrayal. We conclude that Bentinho overcomes the first conflict, leaving the seminary and marrying Capitu. However closes his possible in a pseudonecessary in the second conflict and ends up not overcoming it. Based on the protagonist's paths we realize the importance of the incentive the opening of vacancies and valuation of the error in the educational process, to the children to learn to expand their repertoire both in the resolution of school conflicts as in their lives to not prolong suffering, as Bentinho.

Key words: Education. Piagetian theory. Literature.

Introdução

A obra *Dom Casmurro*, escrita por Machado de Assis e publicada pela primeira vez em 1900, é considerada um dos maiores clássicos da literatura brasileira, tanto pelo enredo ambíguo de adultério/fidelidade, ódio/amor, emoção/razão, quanto pela linguagem próxima ao leitor. Entremeio ao romantismo e realismo, as características internas e externas das personagens são reveladas em capítulos, mas continuam sendo explicitadas paulatinamente no decorrer de toda a história, de maneira a evidenciar, principalmente na visão de Bento de Albuquerque Santiago, mais conhecido como Bentinho, sentimentos e conflitos humanos que envolvem pecados, paixões, medos e dúvidas.

Trata-se uma obra fartamente analisada do ponto de vista literário (CALDWELL, 2002), psicológico (BYINGTON, 2008) e até mesmo teológico (CONCEIÇÃO, 2003), para citar alguns exemplos. Além dessas particularidades da obra de Machado de Assis, chamaram-nos a atenção também as condutas intelectuais de Bentinho frente aos diferentes problemas que o interpelam e o levam a tomar decisões nem sempre satisfatórias para si e para os demais personagens que lhe cercam.

Bentinho é um homem de cinquenta e quatro anos com “hábitos calados e reclusos”, que rememora sua história de amor e ciúmes com Capitolina Pádua, conhecida como Capitu. No início da trama explica porque é conhecido como *Dom Casmurro*, nome que intitula o livro. Diz que certa vez, em viagem, um homem começou a lhe recitar versos que havia escrito. Cansado, porém, Bento não lhe deu muita atenção. O homem os guardou no bolso “amuado” e, no dia seguinte, chamou-lhe, dentre outros nomes, de “Dom Casmurro”, que soma o significado de Dom, por ironia a Casmurro, “homem quieto e metido consigo” (ASSIS, 2006, p.11).

No segundo capítulo, Bentinho rememora o passado por meio de uma reconstrução presente, visto que, reconstituiu detalhadamente a casa em que vive no Engenho Novo, para que ficasse idêntica àquela que morava quando jovem, na Rua de Matacavalos, juntamente com sua mãe, D. Glória, o agregado, José Dias, seu tio Cosme e prima Justina, tendo como vizinhos o Pádua, sua esposa e Capitu, na tentativa frustrada de “[...] restaurar na velhice a adolescência”. Sobre esta reconstituição malsucedida, a personagem esclarece ao leitor: “Se só me faltassem os outros, vá um homem consolar-se mais ou menos das pessoas que perde; mais falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo” (2006, p.14).

O protagonista mostra-se assim como alguém que passa por inúmeros conflitos durante o enredo, dos quais dois podem ser considerados como principais: a promessa de sua mãe de torná-lo padre, possível impedimento para que ele vivesse um romance com Capitu, sua amada; e, posteriormente, a suspeita da traição de sua esposa com Escobar, amigo próximo que conheceu no seminário.

Justamente ao refletir sobre a maneira como Bentinho resolve esses conflitos passamos a indagar sobre a possibilidade de compreender suas ações do ponto de vista de seus procedimentos intelectuais? Consideramos, então, a possibilidade de identificar os recursos cognitivos que o protagonista utiliza para dar conta das perturbações intelectuais que vivencia em suas relações com seus parceiros de trama? Apesar de ousadas essas interrogações nos pareceram pertinentes como uma maneira de mostrar os processos cognitivos inconscientes e subjacentes às nossas ações cotidianas.

Importante para a formação de qualquer indivíduo essa compreensão é essencial para a formação de docentes que, entretanto, nem sempre percebem a si mesmos em processo contínuo de produção de conhecimentos. Conceitos aprendidos sobre desenvolvimento cognitivo e aprendizagem aprendidos nas

disciplinas pedagógicas tendem a ser desligados da vida real e tomados como pertencentes aos livros (TARDIF, 2014). Tem sido uma tarefa complexa dos cursos de formação docente a integração de conceitos e vivências cotidianas e escolares.

Pareceu-nos, portanto, que o estudo de procedimentos cognitivos, em geral confinado em disciplinas e pesquisas que envolvem aprendizagens, sejam escolares ou não, e desenvolvimento intelectual de indivíduos de diferentes faixas etárias, poderia ser exercitado na vida cotidiana. Neste sentido, personagens de obras literárias, cinematográficas e teatrais nos parece um rico material de pesquisa. Já a escolha da obra machadiana se deve evidentemente a sua qualidade literária inquestionável, mas também e principalmente à uma paixão antiga e crescente por Bentinho e Capitu.

Para dar conta desse desafio optamos por analisar algumas situações de resolução de problemas vivenciadas por Bentinho a partir da teoria do conhecimento sistematizada por Jean Piaget e seus colaboradores. Nossa escolha por este referencial teórico-metodológico, dentre outros possíveis, se deve aos recursos que oferece para compreender os processos inconscientes de coordenação de variáveis, geração de hipóteses e produção de um novo saber que atenda às demandas do próprio sujeito e do meio. Por essa razão, para a análise dos conflitos cognitivos vividos por Bentinho nos valem os conceitos piagetianos de perturbação e criação de possíveis e do necessário. Os resultados de nosso estudo reforçam a hipótese de que a análise cognitiva de ações concernentes a vida cotidiana dos indivíduos por meio de obras literárias, podem contribuir para a compreensão desses processos tanto por parte de docentes, nosso foco, como por qualquer indivíduo que busque conhecer e refletir sobre o tema.

A seguir apresentaremos uma breve retomada do enredo sobre o qual nos debruçamos para este trabalho, a análise de dois conflitos vivenciados pelo protagonista Bentinho à luz de alguns conceitos piagetianos. Nas considerações propomos uma reflexão do percurso do protagonista e da importância da valorização do erro e conseqüente abertura de possíveis no ambiente escolar.

Bentinho e seus conflitos: um mergulho na obra

Machado de Assis, dentre muitas facetas literárias e linguísticas, utiliza-se da primeira pessoa do singular para escrever a história que se passa no Brasil e se inicia nos anos 1857, época em que Bentinho, como era chamado desde a infância, brincava todos os dias com Capitu sua vizinha e até então, apenas amiga.

Tudo estava bem até que Bentinho escuta uma conversa entre José Dias, o agregado da família e sua mãe, Dona Glória, com a presença de prima Justina e tio Cosme. Na conversa, José Dias chama a atenção de Dona Glória sobre a amizade cheia de “segredinhos” entre Bentinho e a “desmiolada” da Capitu (2006, p. 16-17). O agregado também relembra a promessa realizada por Dona Glória, de tornar Bentinho padre.

Sua mãe, viúva, “que vivia metida em um eterno vestido escuro, sem adornos, com um xale preto [...]” (2006, p.25), tinha prometido a Deus que se tivesse um filho “varão” o tornaria padre. Bentinho então nasceu e a promessa deveria ser cumprida (2006, p.33). O menino era ensinado desde pequeno sobre a carreira eclesiástica, que estava inclusive em suas brincadeiras com Capitu. Brincava de ser padre, mas após ter ouvido as palavras de José Dias sobre sua “amizade” com Capitu ficou pensativo e percebeu que não poderia dedicar-se ao celibato, pois “amava Capitu” e ela também o amava (2006, p.37).

Bentinho relutou, tentou por vários caminhos evitar o seminário, contudo sem sucesso eminente em seus planos, acabou por fazê-lo sem vontade, ou vocação, mas ainda com esperança de não ordenar-se padre. Esta situação compreende seu *primeiro conflito*: o de evitar a ordenação para poder viver seu amor com Capitu.

Já no seminário conheceu Escobar, “rapaz esbelto, olhos claros, um pouco fugitivos [...]” que aos poucos passa a ser seu amigo e confidente (2006, p.135). Por vezes o moço acompanha Bentinho nas visitas à família e é sempre bem recebido. Bentinho continua pensando em soluções para deixar o seminário e esta situação estende-se até o momento em que Escobar lhe propõe uma solução: “- Sua mãe fez promessa a Deus de lhe dar um sacerdote, não é? Pois bem, dê-lhe um sacerdote que não seja você” (2006, p.219). Bentinho foi então substituído por um órfão no seminário, tornou-se bacharel em Direito e depois de alguns anos casou-se com Capitu. Escobar por sua vez, casou-se pouco antes, com Sancha, amiga de Capitu, desde os tempos de escola. Os dois casais tornaram-se cada vez mais próximos e amigos.

Após dois anos de casado, porém, Bento expressa sua infelicidade por ainda não ter filhos: “Ao fim de dois anos de casados, salvo o desgosto grande de não ter um filho, tudo corria bem” (2006, p. 234). Escobar e Sancha já tinham uma menina e Bento evidencia que: “Pois nem tudo isso me matava a sede de ter um filho, um triste menino que fosse amarelo e magro, mas um filho, um filho próprio da minha pessoa” (2006, p.243). Logo Bento e Capitu tiveram o tão esperado filho, um “rapagão bonito, com seus olhos claros, já inquietos [...]” (2006, p.246) chamado Ezequiel.

Bento e Ezequiel eram de muito carinho e o menino crescia em meio ao amor dos pais. Certo dia, porém, chegou a notícia de que Escobar, ao nadar

em “mar bravio” acabara por falecer. Em seu velório, se iniciam as primeiras suspeitas de Bentinho que o conduzirão ao *segundo conflito*: a possível traição de Capitu com seu melhor amigo Escobar (2006, p. 270). Suas desconfianças se fundamentam em princípio no olhar de Capitu para com o cadáver: “Momento em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva [...] como se quisesse tragar também o nadador da manhã” (2006, p. 273).

Com o tempo, as desconfianças de Bento aumentaram cada vez mais e suas suspeitas agora abarcavam as características do filho, que tinha, segundo ele, “os olhos”, “as restantes feições”, “a cara”, “o corpo” a “pessoa inteira” de Escobar, seu amigo (2006, p.287). Diante desta situação, Bento passou a evitar seu filho Ezequiel, devido a “aversão” que lhe despertava (2006, p.289). Este sentimento era tão extremo que Bento teve a ideia de envenenar a si e depois o próprio filho, entretanto, não chegou a tomar o café envenenado, nem teve coragem de dar-lhe a Ezequiel: “Mas não sei o que senti que me fez recuar. Pus a xícara em cima da mesa, e dei por mim a beijar doidamente a cabeça do menino” (2006, p.296).

Ao perceber que Bento andava estranho, Capitu o pressiona por uma explicação até que o ciúme do defunto é revelado. A esposa ri, supõe que a razão do ciúme fosse a semelhança do filho com Escobar e justifica este fato como casual, coisa de Deus. Capitu e Ezequiel acabam mudando-se para Europa e o contato que estabeleceram com Bento era apenas por meio de cartas. Capitu morreu por lá e Ezequiel voltou depois de moço para encontrar Bento. A suspeita da traição perdura, no encontro com o filho moço. Bento diz: “Era o próprio, o exato, o verdadeiro Escobar” (2006, p. 310). Algum tempo depois da visita, o rapaz adoeceu e morreu.

Dom Casmurro e a teoria da equilíbrio

A Epistemologia Genética é a denominação da obra piagetiana que aborda a teoria do conhecimento, ou seja, ou seja a maneira como os indivíduos produzem novos conhecimentos a partir das condições oferecidas pelo meio físico e social. Desde seus estudos de mocidade em que catalogava moluscos e observava sua adaptação em lugares distintos, algo que lhe chamava a atenção era o fato de mesmo com a mudança de lugar, mantinham o equilíbrio que os permitem organizar “as totalidades lógico-matemáticas” (LAJONQUIÈRE, 2010, p.91). As primeiras indagações acerca dos moluscos contribuíram para a consolidação de sua preocupação acerca da adaptação dos humanos em novos contextos. Ao buscar respostas constatou que os seres humanos possuem um funcionamento mental que lhes permite assimilar, acomodar e, portanto, (re) equilibrar seu sistema cognitivo, permitindo-lhe adaptar-se às adversidades do meio.

De acordo com a Epistemologia Genética, os indivíduos têm em si, a necessidade de buscar equilíbrio e adaptar-se intelectualmente aos desafios que lhe aparecem a partir dos quais constroem soluções singulares. Essa necessidade de equilíbrio é, por essa razão, responsável pelo movimento contínuo e incessante do sistema cognitivo humano em busca de soluções para os conflitos e perturbações, endógenas e exógenas.

Em conjunto com seus colaboradores no Centro de Epistemologia Genética, Piaget elaborou três grandes sistemas explicativos da produção dessas soluções, ou seja, de novos conhecimentos: teoria da assimilação-acomodação, a teoria da (re) equilíbrio e a teoria da abstração reflexionante. Embora complementares, dos três nos deteremos mais especialmente, neste artigo, ao segundo sistema para o qual a produção de um novo conhecimento implica a passagem de um estado de desequilíbrio para uma nova equilíbrio. Esta passagem é chamada de “salto qualitativo”, “que significa ultrapassar estruturas antigas de

conhecimento mediante a construção de estruturas novas” (LAJONQUIÈRE, 2010, p.112). Esse salto qualitativo constitui-se um processo psicossocial que depende das características genéticas, sociais, contextuais, culturais, psíquicas de cada indivíduo e, por conta disso, é impossível de ser acelerado, padronizado, generalizado ou controlado.

A (re) equilibração ocorre por meio de dois processos, denominados de assimilação e acomodação. O primeiro tem por objetivo, compreender o mundo a partir do olhar do sujeito, para apreendê-lo ao sistema cognitivo. Deste modo, por meio de ações como “pegar, andar, classificar, ordenar [...]”, dentre outras, o sujeito “incorpora o objeto às suas estruturas” (MACEDO, 1994, p.146). Já a acomodação tem a função de modificar as estruturas cognitivas já existentes. Nas palavras de Becker (1994, p.92):

Pela dimensão assimiladora ele produz transformações no mundo objetivo, enquanto pela dimensão acomodadora produz transformações em si mesmo, no mundo subjetivo. Assimilação e acomodação constituem as duas faces, complementares entre si, de todas as suas ações.

Com base nessas considerações podemos assinalar a primeira perturbação vivida por Bentinho, das duas aqui analisadas. Trata-se da situação em que Bentinho busca evitar sua ordenação como padre para poder viver seu amor com Capitu. A obra de Machado nos dá a entender que Bentinho se encontrava em um estado de equilíbrio cognitivo até deparar-se com uma perturbação exógena: escuta seu nome proferido por José Dias enquanto estava passando pelo corredor e resolve se esconder atrás da porta. A conversa era entre o agregado e D. Glória, a respeito de sua suposta amizade considerada exagerada com Capitu e sobre a necessidade de cumprimento da promessa de sua mãe de que Bentinho fosse ordenado padre. Tal fato perturba-o.

Abordando esta situação a partir do olhar piagetiano, podemos dizer que, além de afetiva e moral, sua perturbação foi também cognitiva. De acordo com a teoria piagetiana, as perturbações consistem em situações internas ou externas que “desbaratam um determinado estado de equilíbrio no qual se encontrava o sistema [cognitivo][...]”. Elas conduzem aos conflitos que posteriormente, “[...] dão lugar aos processos regulatórios, que visam a (re) equilibração cognitiva” (LAJONQUIÈRE, 2010, p.127).

Por conta de uma conversa ouvida atrás da porta, Bento, dá-se conta do problema em que se encontra e sai em busca de uma solução. Ou seja, entra em um processo de conflito cognitivo que desestabiliza suas certezas, pois as desconfianças proferidas por José Dias levaram Bento a dar-se conta de sentimentos que antes ele próprio não percebia (2006, p.37):

Tudo isto me era agora apresentado pela boca de José Dias, quem me denunciara a mim mesmo [...]. Naquele instante, a eterna Verdade não valeria mais que ele, nem a eterna Bondade, nem as demais Virtudes eternas. Eu amava Capitu! Capitu amava-me! [...] Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria, nunca mais me esqueceu, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie.

A partir daí Bentinho nega com convicção a alternativa de ir para o seminário em conversa com a amada quando conversa sobre como podem resolver a situação: “[...] não quero entrar em seminários [...] não entro, é escusado teimarem comigo, não entro” (2006, p.49). As alternativas que Bentinho começa a elaborar para ajustar o cumprimento da promessa de sua mãe e o amor por Capitu fazem parte de um movimento cognitivo denominado regulação, parte da busca do sistema cognitivo por re-equilibração. Regular significa comparar, escolher, modificar ou manter ações de acordo com seus resultados para corrigir um erro, manter parcialmente sua ação para chegar a um determinado resultado ou até mesmo não deixar-se perturbar por uma situação.

Neste percurso de Bentinho para encontrar soluções ao problema que enfrenta podemos aventar que vivencia o processo de criação de possíveis e do necessário. Neste processo, conforme a teoria piagetiana, o indivíduo produz alternativas de solução e seleciona a mais adequada para a resolução da situação-problema vivida.

Em um desenvolvimento inicial da formação de possíveis e do necessário é considerada apenas uma dimensão do problema, sem levar em conta suas outras variáveis; em segundo momento, é levada em conta a realidade concreta e imediata da situação-problema e do indivíduo; para, em um terceiro momento, as alternativas produzidas são virtuais e independentes da realidade tangível.

O desenvolvimento desses procedimentos depende de condições do contexto que permitam ao sujeito conhecer a situação dada e propor a partir dela uma “transitividade serial”, isto é, um conjunto de novas e infinitas formas de solucioná-la. Também depende de que o sujeito considere, consciente e/ou inconscientemente, que há “possibilidade de êxito” em suas ações (LEITE; MEDEIROS, 1994, p. 59). Para Piaget (1985), o possível origina-se da interação do sujeito com o objeto de conhecimento e suas propriedades, enquanto o necessário refere-se à escolha da alternativa mais adequada para o retorno ao equilíbrio cognitivo.

Na obra machadiana o primeiro possível para a resolução da situação-problema que enfrentam é indicado por Capitu da seguinte maneira para Bentinho: “Se eu fosse rica, você fugia, metia-se no pacote e ia para a Europa”. Essa proposta, no entanto, lhes aparece como “um desejo vago e hipotético”, visto que Capitu era pobre, jovem demais para ter um pacote ou levar Bento à Europa (2006, p.52). Bento pensou então, em outro possível, que seria falar com Tio Cosme, entretanto, Capitu rejeitou a ideia porque, segundo ela, era um “boa-vida” que não faria nada para suspender a ordenação.

Falar com prima Justina e com Padre Cabral foram dois possíveis que também não vingaram. Capitu então propôs outro possível que seria falar com José Dias para que ele convencesse D. Glória sobre a indisponibilidade de Bento para o seminário. Bentinho acabou por concordar com Capitu e decidiu para si mesmo que falar com José Dias seria o melhor plano tornando este possível um necessário, ainda que provisório.

Antes de falar com o agregado, porém, Bentinho encontrou casualmente prima Justina na varanda e tocou no assunto do seminário. Bento aproveitou-se da oportunidade para perguntar se ela falaria com sua mãe caso ele não tivesse vocação para a carreira eclesiástica. Ela recusou-se a ter essa conversa com D. Glória. Apesar de possíveis infrutíferos, as soluções empreendidas por Bentinho mostram o quanto seu sistema cognitivo estava inteiramente voltado para a construção e reconstrução de possibilidades de resolução que tornam “imprevisíveis e não padronizáveis, tanto os procedimentos individuais de resolução de problemas [...]” (LAJONQUIÈRE, 2010, p.88)

O processo de criação de possíveis e do necessário também evidencia o papel do erro na construção de novos saberes. Para Piaget (1985, p. 8) “[...] do ponto de vista dos possíveis, um erro corrigido pode ser mais fecundo para aberturas ulteriores do que um sucesso imediato”. O erro, portanto, faz parte essencial do processo de produzir um novo conhecimento, pois instiga a criação de possibilidades e a chegada a um novo equilíbrio no sistema cognitivo. Nas palavras de Lajonquière (2010, p. 150) os erros:

[...] são zigzagues que a dinâmica do proceder de um sujeito descreve no curso de suas aprendizagens e os produtos pontuais da infatigável equilibração majorante. Ou, se preferirmos, os erros não são mais do que verdadeiras vicissitudes que balizam o permanente processo inconsciente de estruturação da inteligência na sua busca de um melhor equilíbrio [...].

Após a negativa de prima Justina, Bentinho segue então, com seus planos para falar com José Dias no dia seguinte. Sobre sua maneira de falar com José Dias para marcar esta conversa, a personagem reconhece (2006, p.62) que se sentia inseguro em seu jeito de portar-se.

O tom não me saíra tão imperativo como eu receava, mas as palavras o eram, e o não interrogar, não pedir, não hesitar, como era próprio da criança e do meu estilo habitual, certamente lhe deu a ideia de uma pessoa nova e de uma nova situação.

Apesar ou talvez até por conta dessas maneiras, José Dias passou a ajudar Bentinho em seu problema. Contudo, todas as tentativas de solução não evitaram sua entrada no seminário onde passa a contar com o apoio de um novo aliado, seu amigo Escobar, que lhe propõe um novo possível: o de sua mãe substituí-lo por um órfão ordenado padre em seu lugar, pois dessa maneira D. Glória não quebraria sua promessa a Deus e Bentinho poderia sair do seminário.

Este novo possível tornou-se a solução escolhida naquelas circunstâncias para tirá-lo do seminário, deixando-o livre para alguns anos mais tarde tomar Capitu como esposa. Isso de fato acontece evidenciando a fecundidade do possível e do necessário criados, pois Bentinho sai do seminário e anos depois casam-se. A solução produzida permite a (re)equilíbrio cognitiva de Bentinho por meio da coordenação de dois esquemas de ação “não quebrar a promessa de D. Glória dar um padre a Deus” e “casar com Capitu”. É possível afirmar, então, que após os erros cometidos Bentinho considerou um possível que tornado o necessário foi condizente com a solução do problema enfrentado.

Com o tempo, uma nova perturbação surge na vida de Bentinho, que é novamente perturbado pelo meio exógeno, o olhar “de viúva” que Capitu dedica ao corpo de Escobar morto e deitado em uma urna funerária, após ter sofrido

um afogamento. Suas desconfianças acentuam-se quando insiste na possibilidade de que a traição realmente ocorreu. Bentinho passa então a buscar evidências que confirmem sua certeza. Neste caso, fecha seu sistema cognitivo à criação de novas hipóteses escolhendo sua certeza como o necessário, que fixado, se torna uma “pseudo-impossibilidade” ou “pseudonecessidade” (PIAGET, 1985, p. 130). Esse fechamento se caracteriza pela “ausência de reversibilidade, de recursividade, etc., em uma palavra, de inferências sistemáticas e de fechamentos”.

De acordo com Leite e Medeiros (1987, p. 63), o “impossível subjetivo”, correspondente a “pseudonecessidade” e limita a criação de possíveis porque impõem “limitações arbitrárias” e “coercitivas”. Exige que o sujeito confirme suas verdades, mesmo que hajam evidências plausíveis do contrário. É o que acontece quando Bentinho desconsidera a possibilidade de não existir adultério e de Ezequiel ser realmente seu filho. Ou à possibilidade de separar-se publicamente de Capitu para apaixonar-se novamente. Ou ainda, de reconsiderar que o filho, ainda que fruto de uma traição, poderia manter com ele uma relação filial e próxima.

A pseudonecessidade produzida o leva a confirmar sua certeza em pequenos e grandes sinais da traição de Capitu. Os traços de Ezequiel semelhantes aos de Escobar, por exemplo, comprovam sua verdade: “Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, receber-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã, ou pedir-me à noite a bênção do costume” (2006, p.287). As desconfianças traçadas ao longo do enredo sugerem Capitu culpada de adultério. Contudo, estudiosos chamam a atenção para o fato de que nem Capitu, nem outras personagens tem espaço para falar, de maneira a ser um monólogo em fatos e pessoas aparecem de acordo com a visão e as fantasias de Bentinho (ARREGUY, 2004; GUALDA, 2008; VALENTE-BARATA, 2015).

Nas palavras de Arreguy (2004, p. 114) “A narração é feita sob a perspectiva de um Bento Santiago, já velho e amargurado, retomando suas reminiscências e tentando provar a si mesmo e ao leitor a culpa de Capitu [...]”. Isso porque, conforme Gualda (2008), Machado de Assis retrata a mulher de acordo com os valores patriarcais vigentes da época em que a mulher era silenciada e não tinha o direito de defender-se. De uma perspectiva similar, Valente-Barata (2015, p. 199) assinala que ao falar das demais personagens da trama, Bentinho, o narrador, nega-lhes a voz, e os julga segundo o seu próprio olhar”.

Crente nesta verdade, Bentinho passa a evitar encontros com Ezequiel, pois “buscava não andar em casa e só entrar quando ele estivesse dormindo” (2006, p.289). Também elabora planos de suicídio por meio de envenenamento e diz: “quando me achei com a morte no bolso senti tamanha alegria como se acabasse de tirar a sorte grande, ou ainda maior [...]” (2006, p.291). Chega a pensar o mesmo sobre o filho e lhe envenenar: “[...] o meu segundo impulso foi criminoso. Inclinei-me e perguntei a Ezequiel se já tomara café” (2006, p.296). Capitu, ao notar a situação estranha entre Bento e Ezequiel, perguntou-lhe o que estava ocorrendo e este contou-lhe suas suspeitas de traição. Mesmo com a resposta de Capitu de que a semelhança de Ezequiel era casual, Bentinho manteve sua certeza e a impossibilidade de abrir-se cognitivamente.

De acordo com Rouanet (2008), estudos e críticas brasileiras têm se debruçado sobre a análise de Dom Casmurro em diversas perspectivas. Alguns partem em defesa de Capitu, alegando ser ela uma mulher inteligente e independente, enquanto Bentinho, ao contrário, é visto como inseguro, ciumento e paranoico. Outros estudos atentam-nos para a ocorrência do adultério e traição de Capitu à confiança de Bentinho, que poderia ter motivos reais para sentir-se ofendido.

Ao retornarmos ao enredo do livro vemos que, em consequência da crença de Bentinho na infidelidade da esposa, Capitu e Ezequiel mudam-se para a Europa para afastar-se do pai e marido. Se considerarmos a hipótese de produção de uma pseudonecessidade por parte de Bentinho, podemos afirmar que a armadilha em que se enredou a si próprio conduziu-o ao distanciamento do filho e da mulher amada e, conseqüentemente, à reclusão e solidão.

Após a morte de Ezequiel por “febre tifoide”, sobre sua lápide onde estava escrito “Tu eras perfeito nos teus caminhos, desde o dia da tua criação”, Bentinho se pergunta sobre o “dia da criação de Ezequiel?” (2006, p.313) sugerindo a permanência de suas certezas como pseudonecessidades. Posteriormente à morte do filho, porém, a reconstrução da casa do Engenho Novo, tal qual a que vivia na rua de Matacavalos, quando jovem, por outro lado, pode ser indício de que este caminho começa a ser desequilibrado, buscando outras possibilidades para compreender o que aconteceu com sua história de amor e de adultério.

Nos dois principais conflitos enfrentados por Bentinho, o primeiro de lidar com a promessa da mãe em torná-lo padre mesmo apaixonado por Capitu e o segundo de conviver sob suspeitas de adultério por parte de sua esposa com seu melhor amigo, há a busca por possíveis e necessário, entretanto, no primeiro, a personagem consegue solucionar o problema, reequilibrando seu sistema cognitivo. O mesmo não ocorre no segundo conflito, no qual Bentinho fecha seu sistema cognitivo em um pseudonecessário: o adultério.

Considerações finais

A partir da análise dos conflitos cognitivos vividos por Bentinho é possível concluir que o protagonista seguiu caminhos cognitivos peculiares que o conduziram a duas possibilidades: buscar soluções alternativas no intuito de adaptar-se às adversidades da vida e não buscá-las. Esses caminhos constituem-se processos cognitivos que, embora universais, assumiram as particularidades afetivas, sociais e morais de Bentinho. Podemos afirmar, portanto, que em Bentinho os processos de equilíbrio cognitiva e formação de possíveis e do necessário se desenvolveram de uma maneira particular e idiossincrática.

Um dos processos que mais se evidenciou no percurso do romance a construção de possíveis e do necessário frente a um desequilíbrio cognitivo envolveu também uma sucessão de “erros construtivos”. Bentinho encontrou-se, em várias situações, em busca de novas possibilidades e neste processo, falou com várias pessoas, escutou-as, pensou sobre melhores alternativas, não desistiu diante dos equívocos, nem no momento em que foi obrigado a entrar no seminário.

Podemos dizer que em suas tentativas de solucionar os impasses que vivia, os erros cometidos por Bentinho geraram mais curiosidade, investigação e criação de alternativas de solução. Em outras palavras, seus erros podem ser considerados construtivos na medida em que engendraram novos saberes e procedimentos mediante problemas e dificuldades.

Ao analisar a obra de Machado de Assis, como educadoras, não podemos deixar de traçar um paralelo com o meio escolar interrogando-nos sobre o seu potencial e sua realidade no desenvolvimento do processo de equilíbrio e de formação de possíveis e do necessário. Neste sentido, consideramos que favorecer o enfrentamento de situações-problema e o desenvolvimento de soluções

diversificadas, incluindo o erro, podem levar os estudantes a refletir sobre suas próprias escolhas e posturas.

Levando em conta pesquisas anteriores (TARDIF, 2014; LIMA, 2010) e nossa vivência docente em escolas públicas e privadas é possível afirmar que o erro ainda tem ocupado um espaço negativo no processo de escolarização. Na maioria das vezes o erro tanto do docente como do estudante continua sendo repreendido e punido. Contudo, como nos revelam os estudos piagetianos, o erro se constitui um momento constitutivo do processo de equilíbrio-desequilíbrio-reequilíbrio cognitiva na medida em conduz a busca de novas alternativas para a situação que está sendo analisada e resolvida. No enredo analisado, é graças aos seus erros e, posterior, busca de equilíbrio com a formação de novos possíveis e necessários que Bentinho supera seu primeiro impasse amoroso saindo do seminário e casando-se com Capitu.

Nem sempre, contudo, erro e criação de novos possíveis e necessários caminham juntos. Podemos considerar que no segundo impasse amoroso vivido por Bentinho ocorre o acolhimento de uma pseudonecessidade como solução para seu problema prolongando sua angústia e sofrimento. Ambos decorrentes de sua dúvida persistente quanto a infidelidade de Capitu com Escobar e a filiação de Ezequiel.

Com base em uma perspectiva piagetiana e nos caminhos percorridos pelo protagonista, salientamos a importância das instituições escolares valorizarem o erro como processo cognitivo construtivo. Pensando na formação de docentes e estudantes, a análise da narrativa machadiana nos leva a considerar a fecundidade das obras literárias para fazer emergir discussões sobre os processos mentais dos indivíduos em situações cotidianas e escolares. Neste sentido, a análise dos procedimentos de solução de problemas adotados pelos personagens

pode servir de mote para a discussão tanto daqueles adotados pelos docentes em seu dia a dia como os de seus estudantes.

Tal prática parece-nos constituir-se mais uma possibilidade de ampliação do repertório dos docentes sobre o funcionamento cognitivo dos indivíduos e de reflexão acerca de si mesmos e de seus estudantes. Como salientam Lima (2010) e Tardif (2014), para além dos conceitos aprendidos pelos docentes em sua formação, são suas experiências e vivências os fatores que mais influenciam sua prática pedagógica. De acordo com os autores, experiências e vivências anteriores como estudantes ou fora das instituições escolares e formativas influenciam significativamente a maneira como os docentes serão capazes de compreender seu próprio processo de aprender e de seus alunos.

É com esta perspectiva que consideramos a experiência literária uma fonte inesgotável de reflexão e tomada de consciência dos docentes sobre si mesmos, seus processos cognitivos e práticas pedagógicas a depender da mediação realizada em sua formação. E é com este convite que encerramos o presente artigo.

Referências

ARREGUY, Marília Etienne. Dois romances, tempos distintos: uma reflexão sobre o amor e o ciúme na atualidade. *Rev. Mal-Estar e Subj.*[online]. Fortaleza, 2004, v. 4, n. 1, pp. 112-130. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482004000100006&script=sci_abstract&tlng=en>. Acesso em 29 mar. 2019.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Saraiva, 2006.

BECKER, Fernando. O que é construtivismo. *Série Idéias*, n. 20. São Paulo: FDE, 1994, p. 87-93. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea_a.php?t=011 . Acesso em: mar. 2017.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. *Dom Casmurro no divã: um estudo da psicologia simbólica junguiana*. In: CARVALHO, Luiz Fernando (org.). *O processo de Capitu*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008, p. 25.

CALDWELL, Helen. *O Otelô brasileiro de Machado de Assis: Um estudo de Dom Casmurro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da. *Fuga da promessa e nostalgia do divino: a antropologia de Dom Casmurro de Machado de Assis como tema no diálogo entre teologia e literatura*. Dissertação de mestrado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2003.

GUALDA, Linda Catarina. Representações do feminino em *Dom Casmurro*: o silêncio de Capitu. *Rev. Línguas & Letras*. Cascavel, 2008, v.9, n. 17, p.71-85. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/2065/1636>>. Acesso em 29 mar. 2019.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. *De Piaget a Freud: para uma clínica do aprender*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

LEITE, Luci Banks; MEDEIROS, Ana Augusta de. *Piaget e a Escola de Genebra*. São Paulo: Editora Cortez, 1987.

MACEDO, Lino de. *Ensaio Construtivistas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

PIAGET, Jean. *O possível e o necessário: evolução dos possíveis na criança*. Porto Alegre: Artes médicas, v. 1, 1985.

ROUANET, Paulo Sergio. *Dom Casmurro alegorista*. *Rev. USP*. São Paulo, 2008, n. 77, p. 126-134. Acesso em: <www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13661/15479>. Acesso em: 31 mar. 2019.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

VALENTE-BARATA, Paulo José. Olhos de Capitu entre palavras oblíquas e dissimuladas. Rev. Do curso de Letras da UNIABEU Nilópolis [online]. Nilópolis, 2015, v.6, n.1, p. 188-202. Disponível em <http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/1485/pdf_366>. Acesso em: 29 mar. 2019.

Recebido em: 01/04/2019

Aprovado em: 15/08/2019